

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

VOLUME 14



SANTIAGO DE COMPOSTELA  
2010

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocinia eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada cada pela Assembleia Geral.

### **Conselho Diretivo**

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra  
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ  
regina.zilberman@gmail.com

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino Pardo [carmen.villarino@usc.es](mailto:carmen.villarino@usc.es)

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

### **Conselho Fiscal**

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense).

Associe-se pela *homepage* da

AIL: [www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

Informações pelo *e-mail*: [secretaria@lusitanistasail.net](mailto:secretaria@lusitanistasail.net)

# **Veredas**

## **Revista de publicação semestral**

Volume 14 – dezembro 2010

***Diretor:***

Elias J. Torres Feijó

***Diretora Executiva:***

Raquel Bello Vázquez

***Conselho Redatorial:***

Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Maria do Cebreiro Rábade Villar, Marie-Hélène Piwnick, Ría Lemaire, Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Benjamin Abdala Junior, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Regina Zilberman, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

***Redação:***

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: revista.veredas@gmail.com

***Realização:***

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

***Impressão e acabamento:***

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza

**ISSN 0874-5102**



## SUMÁRIO

RITA DE CÁSSIA OLIVEIRA	
O que é a Existência Errante? Visada hermenêutica fenomenológica do poema	
O Guesa, de Sousândrade .....	7
LETÍCIA VALANDRO	
Memória e construção da nação guineense.....	33
MARIA GERALDA DE MIRANDA	
Vozes da história e da ficção: um convite à roda de Pepetela .....	57
PATRÍCIA PEDROSA BOTELHO	
Prospectos cambiantes: como pensar a literatura de Helder Macedo? .....	67
ERMELINDA MARIA ARAÚJO FERREIRA	
<i>The loneliest man on the moon</i> : José Saramago, entre Fernando Pessoa e a ficção científica em Portugal.....	83
EVELYN BLAUT FERNANDES	
Da ficção por testemunho ou <i>A Nave dos Loucos Continua a Navegar</i> .....	115



# O que é a Existência Errante?

## Visada hermenêutica fenomenológica do poema *O Guesa*, de Sousândrade

RITA DE CÁSSIA OLIVEIRA

Departamento de Filosofia

Universidade Federal do Maranhão - Brasil

*O presente artigo propõe uma leitura de alguns aspectos do poema O Guesa, de Sousândrade, à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur. Atenho-me principalmente na interpretação da metáfora “existência errante” como modo de vida que imputa ao sujeito o comprometimento com a escolha de suas ações. Sousândrade personifica o Guesa como a identidade da América pela restituição do caráter de fundação do Mito ao qual acresce aspectos autobiográficos. A teoria hermenêutica fenomenológica possibilita a interpretação da existência errante como caso exemplar da identidade pessoal que se constitui em identidade narrativa pela consideração de um sujeito que se narra como condição de ser o que é pela palavra poética. No poema O Guesa a existência errante constitui-se como uma articulação identitária que resulta da composição entre os dados biográficos de Joaquim de Sousa Andrade, do seu heterônimo, Sousândrade e da personagem lendária Guesa. Não pretendo fazer aqui um traçado geral da teoria de Ricoeur, mas sempre que for necessário me referirei a certos filosofemas, sempre que o contexto exija, para o entendimento de como se compõe a sua tese sobre a identidade e a narração.*

**Palavras-Chave:** Hermenêutica, Existência Errante, Identidade Narrativa, Ricoeur, Sousândrade.

**Abstract:**

*The present essay aims at an interpretation of some aspects of Sousândrade's O Guesa poem in light of Paul Ricoeur hermeneutics. I am particularly attentive to the metaphorical interpretation of "erratic existence" as a way of life imputing on the subject a compromise with the choice for his actions. O Guesa is personified by Sousândrade as America's identity by restituting the character of the Myth basis, adding autobiographic uniqueness to it. The phenomenological hermeneutic theory makes possible the errant existence interpretation as exemplified by the personal identity consisting of narrative identity taking into account a subject being narrated as for what he is through the poetic expression. The errant existence in the Guesa poem is constituted as an identity verbalization resulting from Joaquim de Sousa Andrade biographic data, his heteronym, Sousândrade, and the Guesa legendary personage. I have no intention of laying out here Ricoeur's general theory, but I will refer to certain philosophemes whenever necessary, for the understanding of how his thesis works on identity and narrative.*

**Keywords:** Hermeneutics, Errant Existence, Narrative Identity, Ricoeur, Sousândrade

Pretendo com esse trabalho analisar se a teoria hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur pode contribuir à compreensão da metáfora "existência errante" como apresentada no poema longo *O Guesa*, de Sousândrade. A existência errante constitui-se como uma articulação identitária na tríade Joaquim de Sousa Andrade/Sousândrade/Guesa por resultar da composição entre os dados biográficos de Joaquim de Sousa Andrade, do seu heterônimo, Sousândrade e da personagem lendária Guesa. Partindo da teoria hermenêutica fenomenológica espero chegar a uma melhor interpretação de como a metáfora "existência errante" torna-se caso exemplar à teoria da identidade pessoal que se constitui em identidade narrativa, pela consideração de um sujeito que se narra como condição de ser o que é pela palavra poética. Uma vez que a filosofia de Paul Ricoeur é bastante conhecida, não farei um traçado geral da sua teoria. Prender-me-ei a referir a certos filosofemas, sempre que o contexto exija, para o entendimento de como se compõe a sua tese sobre a identidade e a narração.

A pergunta sobre o que é a existência errante no contexto de um modo de vida conforme se apresenta no poema *O Guesa*, revela um sujeito que Ricoeur diz ser consciente de que somente poderá se impor no tempo e na história pela constituição de uma identidade que supere a fragilidade originada de uma vida psíquica e social conturbada,



por um lado pela multiplicidade cultural e por outro, pelo isolamento e fragmentação, como os resultados mais dolorosos da racionalidade da sociedade moderna. Assim, inquietações e angústia são estados emocionais recorrentes desse sujeito assolado pela tensão de se compreender e viver um mundo antagônico: o científico e tecnológico mas desumano como capitalista e o rudimentar e artesanal, lúdico mas também desumano pela prevaricação. O sujeito imerso no mundo moderno sob o peso dessa tensão vive o perigo da alienação com o apagamento da sua identidade ou a lucidez da sua identidade na condição de errância pela incessante busca do eterno. É por meio da poesia que Sousândrade encontrou o modo de vida que lhe permitiu a existência errante, que tanto impediu qualquer possibilidade de reificação como também garantiu a permanência na crença do eterno pela palavra, o que lhe dar condição de ancoragem à sua existência. A eternidade acreditada por Sousândrade instituiu-se e legitimou-se no seu fazer poético, mormente, nessa obra que lhe consumiu mais de quarenta anos de sua existência.

O que leva uma existência à obstinação de acreditar que a poesia pode e é o único meio de lhe eternizar?

Paul Ricoeur invoca o fazer poético como uma disposição do sujeito a se lançar no mundo pela inovação semântica da palavra metafórica. Somente a metáfora origina um mundo com uma referência de dimensão ontológica por alcançar a subjetividade. O mundo criado pela metáfora é um “ser-como”, isto é, um mundo estruturalmente dialético em que coexiste a iminência do antagonismo do “ser” e do “não-ser”, pela referência direta ou indireta a depender da equivalência do verbo “ser” em relação ao “ver-como”. É pela metáfora que se torna possível a inteligibilidade de que a existência necessita de propósitos para ter sentido na vastidão do mundo e assim se compreender a condição da falibilidade humana.

A consciência do eterno, em Sousândrade, manifesta-se na labuta de construção de um poema em sua forma mais original de narração, aquela que estrutura a transferência do verso oral para o verso escrito, na *Ilíada* e *Odisseia*, o verso hexâmetro. O poema *O Guesa* está pautado em treze cantos – doze cantos e mais o canto epílogo obedecendo a estrutura

de quartetos decassílabos, cujos versos rimam conforme os esquemas de rima alternada (abab) ou cruzada (abba). A ruptura com essa estrutura estrófico-métrica de base ocorre no Canto Segundo e no Canto Décimo com a introdução de episódios dialogados que dizem situações históricas e subjetivas das mais diversificadas personagens: índios, matemáticos, padres, políticos, etc. Com múltiplas vozes e línguas: português, latim, grego, inglês, etc. Esses episódios equivalem às duas descidas ao inferno, respectivamente aos: “Inferno de Tataturema” e “Inferno de Wall Street”, assim denominados por Haroldo de Campos e Augusto de Campos (2002). O “Inferno de Tataturema” obedece uma composição de cento e quatro estrofes, com cinco versos metricamente desiguais que variam de duas a seis sílabas, e o “Inferno de Wall Street” possui cento e setenta e seis estrofes, com versos de duas a oitos sílabas, tendo um esquema de rimas abccd.

Os dois cantos acima referidos são escritos em versos *limerick*, que enriquecem o poema com passagens cômicas. É evidente que Sousaândrade não é um cínico a olhar sempre o mundo de modo risível, mas sempre que penetra nessa ordem do *nonsense* instala o suspense, o riso e a perplexidade. Nesse metanível comenta contextos sociais e psíquicos com a estranheza e a identificação de quem se sente aparte de tudo aquilo ao mesmo tempo em que sente que tudo aquilo lhe pertence. A instabilidade e a instauração da dúvida levam o poeta a apostrofar a realidade como obscura e a considerar o contexto social do seu tempo perverso nas duas perspectivas que a história lhe apresenta: da sua terra original, Brasil, que ainda Monarquia se, apresenta a ele como atrasada e atroz no seu processo de colonização, como o empregado aos indígenas que ao serem tratados como pagãos eram catequizados até a perda da cultura e o enfraquecimento da identidade ou dizimados. E ainda da terra eleita como modelo de regime democrático, os Estados Unidos da América, que mesmo sendo uma República, era assolada pela corrupção conseqüente do capitalismo desumano que cada vez mais causava uma fenda na sociedade com a distinção de uma classe muito rica e poderosa e outra miserável e sem benefícios sociais. São principalmente nesses cantos que a crítica à sociedade moderna se radicaliza.

A compreensão que Sousândrade tem de si como frágil, patético e mísero diante da sociedade brasileira e da sociedade norte-americana, com formas de regimes políticos tão díspares, porém, tão semelhantes no trato desigual do ser humano, lhe joga a um estado de revolta que gera o sentimento de angústia originário da consciência da falibilidade e da sua possibilidade de libertação, pelo eterno. Somente pelo eterno será possível sublimar a falibilidade e tornar-se grande e forte como o Herói. Para tal égide, Sousândrade se auto-imputa uma missão: restituir a identidade americana enquanto continente, pelo Mito, e reformar a sociedade. É a busca do arquétipo: qual o Mito da América? É a busca do *met'hodos*: como proceder? Para Sousândrade o Mito é o Guesa. E a narração poética o caminho a ser seguido para a reformulação da sociedade. É por meio da narração que as suas ações serão direcionadas à obtenção de tal finalidade. Ele acredita no poder de eternidade e de transformação da palavra poética e se lança no âmago do mundo da linguagem na tentativa de alcançar a plenitude do seu Ser, que ata-se ao Ser da América. A poesia, para ele, além de catarse subjetivista torna-se um instrumento de educação com registros históricos dessa América que se expande e se diversifica, sem retorno, daí a necessidade da busca da origem como condição de constituição de uma identidade em articulação com a experiência da temporalidade, que somente possível por meio da narração. É a força persuasiva da metáfora na criação poética que possibilita a abertura à imaginação do infinito que os Andes nos podem trazer à memória, na imagem criada para dizer da origem da América, como se segue nos versos de abertura do poema.

Eia, imaginação divina!

Os Andes

Volcanicos elevam cumes calvos,  
Circundados de gelos, mudos, alvos,  
Nuvens fluctuando – que espectac'los grandes!  
Lá, onde o poncto do kondor negreja,  
Scintillando no espaço como brilhos  
Do lhama descuidado; onde lampeja

Da tempestade o raio; onde deserto,  
 O azul sertão formoso e deslumbrante,  
 Arde do sol o incêndio, delirante  
 Coração vivo em céu profundo aberto!

Nos áureos tempos, nos jardins da América  
 Infante adoração dobrando a crença  
 Ante o bello signal, nuvem iberica  
 Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.  
 Candidos Incas! Quando já campeiam  
 Os heroes vencedores do innocente  
 Índio nu; quando os templos s'incendeiam  
 Já sem virgens, sem oiro reluzente,  
 Sem as sombras dos reis filhos de Manko,  
 Viu-se... (que tinham feito e pouco havia  
 A fazer-se...) n'um leito puro e branco  
 A corrupção, que os braços estendia!

E da existência meiga, afortuna  
 O róseo fio n'esse albor ameno  
 Foi destruído. Como ensaguentada  
 A terra fez sorrir ao céu sereno!  
 Foi tal a maldicção dos que caídos  
 Morderam d'essa mãe querida o seio,  
 A contrahir-se aos beijos, denegridos,  
 O desespero se imprimil –os veiu, -  
 Que ressentiu-se, verdejante e válido,  
 O floripondio em flor; e quando o vento  
 Mugindo estorce-o doloroso, pallido,  
 Gemidos se ouvem no amplo firmamento!  
 (Sousândrade. 2003, p. 27).

A imaginação, na teoria de Ricoeur, conduz à uma experiência cognitiva que lança o sujeito a transgredir a linguagem como meio possível de expressão daquela ordem simbólica na qual se adentra. Em Ricoeur a pertença da imaginação se inscreve na linguagem que tem como ponto de partida a sentença conclusiva kantiana de a imaginação possuir dois movimentos importantes: o reprodutor e o produtor, que se comple-

mentam para a primeira síntese no processo do esquematismo que é o de produzir uma imagem a um conceito. A imaginação reprodutora consiste na evocação da coisa ausente, “mais existant ailleurs, sans que cette évocation implique la confusion de la chose absente avec les choses présentes ici et maintenant” (Ricoeur, 1986, p. 239). Ela tem a função de “substituir” o ausente com a representação de uma existência empírica como retratos, quadros, desenhos, diagramas, etc. Ou seja, acrescenta ao “rastros” as características reproduzidas pela cultura, ambiente e situação em que se insere. Para além de Kant, a imaginação reprodutora passa a ser pensada por Ricoeur em processo com a imaginação produtora ao impulsionar que coisas inexistentes possam ser evocadas por meio de ficções que se desenvolvem tanto na ciência quanto e, principalmente, na literatura, “et les inventions dotées d’une existence littéraire”. A imaginação está relacionada diretamente a um uso específico da linguagem por meio do processo metafórico que gera a inovação semântica, responsável pela produção das circunstâncias da tessitura da narrativa.

A imaginação produtora cria a metáfora que se desenvolve na narrativa através do mito. Aqui, a metáfora “Cândidos Incas” se incorpora como Mito para simbolizar o arquétipo do povo americano:

Nos aureos tempos, nos jardins da America  
Infante adoração dobrando a crença  
Ante o bello signal, nuvem iberica  
Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.  
Candidos Incas Quando já campeiam  
Os heroes vencedores do innocent  
Indio nu; quando os templos s’incendeiam,  
Já sem virgens, sem oiro reluzente,  
Sem as sombras dos reis filhos de Manko,  
Viu-se... (que tinham feito? E pouco havia  
A fazer-se...n’um leito puro e branco  
A corrupção, que os braços estendia  
E da existência meiga, afortunada,  
O róseo fio n’esse albor ameno  
Foi destruído. Como ensaguentada  
A terra fez sorrir ao céu sereno”  
(Sousândrade, 2003, p.85).

A metáfora viabiliza que a imaginação irrompa para a criação de um novo sentido das “ruínas” da predicação literal. Ricoeur ainda diz que a imaginação é a visão súbita de uma nova pertinência predicativa que se constrói na/ou a partir da impertinência. Daí, a sua irrupção na linguagem ser sob a forma da metáfora no uso desviante dos predicados na metrificação do verso. A nova pertinência semântica criada pela versificação metafórica repercute no poema como um todo: “Imaginer, c’est d’abord restructurer des champs sémantiques”. Eis que surge a possibilidade do “ver-como”: “nous voyons la vieillesse comme le soir du jour, le temps comme un mendiant, la nature comme un temple où de vivants piliers...” (Ricoeur, 1986, p. 244). E a intriga tem a sua tessitura liberta do discurso da razão e/ou do empírico, e o que aparece não é mais o conceito, que para Ricoeur é uma metáfora morta, mas a metáfora viva que origina a criação de mundos possíveis, mediante o pôr-em-intriga que se desenlaça pela composição de uma narrativa literária e se multiplica como vozes que dizem do Eu em afirmação da identidade que se constitui como identidade narrativa em existência errante, como nesses versos que se seguem:

Anda-se qual eu ando, sem conforto,  
 Vendo a verdade nas divinas dores,  
 E n’estes astros, n’esto abril de flores,  
 Somente espinhos – como no Mar Morto  
 “Cingiam a onda e a demasiada frente,  
 Coroa única... Eu que sou? quem era?”  
 (Sousândrade, 2003, p. 32).

Quem é o Guesa? É o “errante”, o “sem lar”. Personagem lendária, colhida no culto solar dos índios da Colômbia (Muíscas) com o significado original de ser um menino retirado do convívio dos pais para cumprir o destino mítico de Bochica, deus do sol. O menino era educado no templo da divindade até os dez anos, quando se iniciava a sua peregrinação que repetia o rito do deus, culminando com o percurso da “Estrada do Suna” e o sacrifício ritual, aos 15 anos, que se realizava

em uma praça circular e junto a uma coluna (marco equinocial) o Guesa adolescente era acorrentado e cercado pelos sacerdotes (“Xeques”) para ser morto a flechadas, em seguida, o seu coração era arrancado e ofertado ao sol e o seu sangue recolhido em vasos sagrados. Completa a cerimônia, abria-se a nova indicação ou ciclo astrológico, com o rapto de uma nova criança, para vir a ser o Guesa. Cuccagna (2004, p.31-32) relata que Sousândrade inicialmente obteve informação da lenda de o Guesa através da obra de Ferdinand Denis intitulada *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi résumé de l’histoire du Brasil*, publicada em Paris no ano de 1826. Obra publicada em francês por Alexandre de Humboldt, e depois compilada na enciclopédia *L’Univers*, na qual apresenta a seguinte descrição da lenda, que fora mantida na introdução do seu poema:

La victime était un enfant enlevé de force à la maison paternelle, dans un village du pays connu aujourd’hui sous le nom de SAN JUAN DE LOS LLANOS. C’était le guesa, ou l’errant, c’est-à-dire la créature sans asile; et cependant on l’élevait avec un grand soin dans le temple du soleil jusqu’à ce qu’il eût atteint l’âge de quinze ans. Cette période de quinze années forme l’indiction dite des muycas.

Alors le guesa était promené processionnellement par le suna, nom donné à la route que Bochica avait suivie à l’époque où il vivait parmi les hommes, et arrivait ainsi à la colonne qui servait à mesurer les ombres équinoxiales. Les Xeques ou prêtres, masques à la manière des Egyptiens, figuraient, le soleil, la lune, les symboles du bien et du mal, les grands reptiles, les eaux et les montagnes.

“Arrivée à l’extrémité du SUNA, la victime était liée à une petite colonne, et tuée à coups de flèches. Les XÈQUES recueillaient son sang dans des vases sacrés et lui arrachaient le cœur pour l’offrir au soleil”.

-L’Univers, Colombie

*O Guesa* (2003, p. 26)

Para Sousândrade, o Guesa é o nativo americano e personifica a origem da América. Ele ainda canta o indígena como que vivia inocente

e feliz até ser despojado do seu paraíso natural com a invasão dos conquistadores europeus. Mas, longe de ser um poeta indianista, ele percebe que a sua poesia não se identifica no todo com os princípios estéticos da Escola Romântica, e torna-se um poeta visionário de uma estilística para além do seu tempo, com a proposta de uma estética com fissuras que mescla gêneros literários em poesia: história, autobiografia; ficção, etc. Acredito que Sousândrade retomou a forma originalmente pertencente à epopéia pela consciência de reconhecer que só a narrativa épica lhe daria sustentação para criar um poema com múltiplos gêneros e desdobramentos que nem sempre têm a sua continuidade. Com isso, a extensa narrativa cria um retrato da cultura americana através de um ignóbil jogo lingüístico que inclui ao poema a história pessoal de Sousândrade que, também órfão, passa a vida vagando pelo mundo em eterno estado de incompreensão e solidão à procura de realizar o sonho de construção de uma república redentora.

Assim, posso inferir que em Sousândrade a poesia é vivenciada na plenitude que Ricoeur reconhece como sendo a restituição do poder criador da vontade humana, que se pronuncia na abertura da fenda humana da falibilidade. É a vontade que faz com que o homem preencha a falta e transcenda para o eterno. Ricoeur diz (2009, p. 23): (...) une interprétation triadique de l'acte de volonté. Dire: "Je veux" signifie: 1- je décide, 2- je meus mon corps, 3- je consens (...). É evidente a expressão triádica da vontade em Sousândrade no querer alcançar o heróico por decisão de si em atos do corpo e do entendimento. A vontade, para Ricoeur, revela a reciprocidade do voluntário e do involuntário como uma disposição do sujeito frente ao seu outro. A consciência da condução da vontade imputa ao sujeito o seu julgamento moral, o que torna possível o conhecimento do homem nos seus limites de abstração. Assim pode-se falar da vontade não somente sob a forma de uma descrição empírica presa nas formas da vontade cotidiana, porque esta se apresenta suscetível a desfigurar e a mesclar certas estruturas subjetivas que são fios à compreensão do enigma do querer humano. E a vontade pode ser perscrutada em Sousândrade na imbricação da sua biografia com a sua poesia como um caso exemplar de estrutura metafórica da vontade, que se revela na escolha do poeta em hipostasiar o Guesa como o He-



rói. Para Sousândrade, o Guesa protagoniza o Herói como um notório andarilho. A idéia do herói como andarilho já é evocada pela geração de artistas do século XIX, como o poeta Charles Baudelaire, que a imprime com a denominação de *splin*, como sendo aquele sujeito que vaga pela cidade em meio a multidão. O protagonista como um ser caminhan-te movido pela angústia de reconhecer a moral como convenções que podem ser obedecidas e afirmadas ou transgredidas e negadas, aparece em eminentes escritores desse período, por exemplo: Edgar Allan Poe; Charles Baudelaire; Robert Musil, entre outros. É a condição existencial escolhida pela consciência de que a literatura não se prende à temporalidade da qual nasce, mas, que pode erguer esteios em sua contemporaneidade como aportes à discussão de valores morais que atravessam a história por constituírem-se em modo de vida ao oferecer meios de saída do relativismo moral pela escolha de princípios que devem ser guias às verdades éticas. Por isso, muitos desses escritores emprestaram várias de suas próprias experiências aos seus heróis. E assim também o fez Sousândrade ao narrar as viagens de o Guesa, que ganham contorno de pintura quando retrata a natureza como nessas estrofes iniciais do Canto Segundo, que conta a sua viagem ao Amazonas entre os anos de 1858 e 1860.

### Canto Segundo

1858

Opalecem os céus – clarões de prata –  
Beatífica luz pelo ar mimoso  
Dos nimbos d'alva exhala-se, tão grata  
Acariciando o coração gostoso !  
Oh! Doce enlêvo! Oh! Bemaventurança!  
Paradiseas manhans! Riso dos céus!  
Innocencia do amor e da esperança  
Da natureza estremecida em Deus!  
Visão celeste! Angélica incarnada  
Co'a nitente humidez d'hombros de leite,  
Onde encontra amor brando, almo deleite,  
E da infância do tempo a hora foi nada!

A claridade aumenta, a onda desliza,  
 Scintilla co'o mais puro luzimento;  
 De púrpura, de oiro, a c'roa se matiza  
 Do tropical formoso firmamento!  
 Qual um vaso de fina porcelana  
 Que de através o sol alumiasse,  
 Qual os relevos da pintura indiana  
 É o oriente do dia quando nasce.  
 (Sousândrade, 2003, p.35)

Nessa viagem pelo Amazonas, ele vivenciou a realidade dos índios, scandalizando-se com o modo de colonização empregado pela Monarquia. É evidente que nesse período Sousândrade já havia se reconhecido como um sujeito errante, e como tal com uma Missão a cumprir. Ele é consciente de que alcançará o eterno pela poesia porque acredita na Poesia como Absoluta. Sousândrade hipostasia a Poesia como a arte própria ao seu projeto de ser Civilizador Americano. E a denúncia ao estado de morbidez no qual estavam entregues os índios faz parte da sua ideologia indigenista. No entanto, a estética romântica não corresponde mais a forma lingüística procurada pelo poeta, que envereda por uma construção lingüística com lapsos e desvios que desvirtuam a Gramática, ao romper com a idéia de unidade poética vigente. Como uma poesia quebrada e disforme pode permanecer na memória do leitor? O poema *O Guesa* suscita essa questão. Mas, também leva a pensar que somente uma gramática poética transgredida poderia dar conta da simbolização do horror sentido pelo poeta frente aquela situação. O horror desencadeia ondas de sentimentos de desprezo, zombaria, perplexidade e tristeza que Sousândrade expressa em canto, o qual relata o rito pervertido da condição original de culto a Jurupari. Este era cultuado como deus pagão e líder religioso que legislava preceitos morais e que teria existido nas tribos indígenas brasileiras, da região do Amazonas. O Canto Segundo que se iniciou em convenção com o estilo do Romantismo tem uma ruptura radical ao incluir sob a forma de episódio esse “inferno” que se tornou a sociedade nativa da América ao ter o seu povo violentamente submetido a uma cultura aniquiladora dos seus valores

morais. E os versos que abrem o “Inferno de Tatuturema” deslocam línguas e regras gramaticais para dar forma a outro jogo lingüístico que expressa em Poesia o relativismo moral conseqüente da colonização. Seguem os versos:

- E lá perdeu-se no pegão-pampeiro,  
Quando os Índios mais vários doidejavam  
E este canto verídico e grosseiro  
Em toada monótona alternavam:  
- Os primeiros fizeram  
As escravas de nós;  
Nossas filhas roubavam,  
Logravam  
E vendiam após.  
(TEGUNA a s’embalar na rede e querendo sua independência:)  
-Carimbavam as faces  
Bocetadas em flor,  
Altos seios carnudos,  
Ponctudos,  
Onde há sestras de amor,  
(MURA comprada escrava a onze tostões:)  
-Por gentil mocetona,  
Bôa prata de lei.  
Ou a saya de chita  
    Bonita,  
    Dava *pro-rata* el-rei.  
(TUPINAMBÁ anciando por um lustro nos maus PORTUGUEZES:)  
Currupiras os cansem  
No caminho ao calor,  
Parinthins orelhudos,  
Trombudos,  
Dos desertos horror!  
(*Côro dos Índios:*)  
-Mas os tempos mudaram,  
Já não se anda mais nu:  
Hoje o padre que folga,  
Que empolga,  
Vem connosco ao tatu.

(TAGUAIBUNUSSÚ conciliador; côro em desordem: )

-Eram dias do estanco,

Das conquistas da Fé

Por salvar tanto ímpio

Gentio...

-Maranduba, abaré!...

Do agudo ao grave, mémîchió destoa,

Entrando frei Neptunus ventania:

Siu! Macaca veloz, Maccú-Sophia,

Medindo-lhe o capuz, de um salto voa!

(Sousândrade, 2003, p.38)

A ultrapassagem dos valores estéticos românticos fez com que Sousândrade compreendesse que a ideologia indianista que prega a defesa do índio em seu estado natural já não mais encontra lugar naquela sociedade que urge por educação e tecnologia. O poeta era adepto de idéias positivistas, o que o levava a crer no alcance do estado científico como um dever do governo para com a sociedade. E por isso a sociedade nativa deveria sim ser submetida a um processo de educação que se expressasse numa política para resolução do problema da inserção das comunidades indígenas na sociedade tecnológica do século XIX. A poesia como meio de registro desse estado passa a conter também um projeto pedagógico com uma ideologia indigenista pautada em regras de valores morais que no dizer de Cuccagna (2004, 161), centrava-se nas seguintes diretrizes:

1- Uma completa integração político-nacional.(...). 2- Uma correta e adequada aculturação que fosse: a) Religiosa, aberta aos ensinamentos evangélicos (...); b) Tecnológica. Para Sousândrade, os índios tinham a necessidade e o direito de beneficiar-se dos meios que o progresso punha materialmente à disposição, (...); c) Pedagógica.

Isso significa que para Sousândrade a poesia tem ao mesmo tempo validade universal e plenitude imediata, que são as condições mais importantes da ação pedagógica. A essa força os antigos gregos

se referiam como *psicagogia*, porque “a arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual (...). Só ela possuía ao mesmo tempo a validade universal e as plenitudes imediata e viva, que são as condições mais importantes da ação educativa” (Jaeger, 2003, p.65). porque detém a força emocional capaz de converter espiritualmente e intelectualmente os homens, o que equivale a dizer que pela expressão artística os valores mais elevados são transmitidos em ações que superam a contingência do cotidiano e a reflexão filosófica, por ser a poesia mais vital que a filosofia. O poema *O Guesa* veicula a força da *psicagogia* por desvelar o absurdo da sociedade moderna na consciência de se viver num mundo de épicas dificuldades cotidianas, como apresentadas ainda nesses versos do “Inferno de Tatutrema”:

(NEPTUNUS SANCTORUM entrando pestilente)  
- Introibo, senhoras,  
Templos meus, flor em flor,  
São-vos olhos quebrados,  
Dannados  
Nesta noite de horror  
(Padre EXCELSIOR, respondendo:)  
Indorum libertate  
Salva, ferva cauim  
Que nas veias titila  
Scintilla  
No prazer do festim  
(Côro das Indias:)  
-A grinalda teçamos  
Às cabeças de lua:  
Oáca! yací-tátá!  
Tatá-yrá,  
Glórias da carne crua!  
(Velho HUMÁUA prudente:)  
- Senhor padre coroado,  
Faça roda com todas...  
A caatinga já fede  
De sede  
Suçuaranas'stão doudas!  
(Sousândrade, 2003, p.39)

Mas, quem é o Sousândrade? Sousândrade é uma ficção que se realiza no corpo de Joaquim de Sousa Andrade. Este nascido a 9 de julho de 1832 na fazenda “Nossa Senhora da Vitória”, próxima ao Rio Pericumã, no Estado do Maranhão, que nesta época atravessava uma próspera economia baseada nas agriculturas do algodão e do arroz. Joaquim de Sousa Andrade nasceu numa família de abastados fazendeiros de arroz pertencente à chamada nobreza rural da cidade de Alcântara. Ficou órfão ainda criança e entregue à tutores que dilapidaram a sua fortuna, como denuncia no Canto Quinto, revelando a sua subjetividade como constituinte da identidade do Guesa: “- Mas, que servem juízes e tutores/ Aos tristes pequeninos sem seus pares/ Melhor fôra não terem defensores,/ Do que tantas miserias e... legaes” (Sousândrade, 2003, p. 85). Esse aspecto autobiográfico do poema delata o desprendimento do poeta em se posicionar como medida para o mundo. Ele vê o mundo a partir de si. Será que essa perspectiva é o modo encontrado de manutenção de Joaquim de Sousa Andrade na personagem Sousândrade, que tem como identidade o Guesa? Ricoeur distingue na identidade pessoal dois aspectos que são por ele denominados segundo os termos latinos *idem* (mesmidade) e *ipse* (si-mesmo, idêntico a si). A identidade como “mesmidade” constitui a identidade inflexível e estática das coisas, do mesmo, em que se sobrepõem quatro significados: o primeiro refere-se a um sentido numérico em que identidade contém o sentido de unicidade e seu contrário é a pluralidade. Aqui a identidade é concebida como reidentificação do mesmo; o segundo significado remete à idéia de semelhança extrema, em que o seu contrário é o diferente. Esse dois critérios podem se sobrepor quando, por exemplo, a reidentificação do mesmo objeto de dúvida se trata de dizer que um X, réu e acusado hoje, e o autor de um crime antigo são uma mesma e única pessoa. É a fraqueza do critério de similitude no caso de uma grande distância no tempo que sugere outro critério, ou outro significado da identidade como mesmidade. Terceiro significado, a continuidade ininterrupta de um ser entre o primeiro e o último estágio de sua evolução: por exemplo, um X, de feto ou bebê a homem adulto ou velho, é uma única e mesma pessoa. O contrário, nesse significado, é a descontinuidade. O quarto significado da identidade como mesmidade é a permanência no tempo, o seu contrário é a diversidade ou mutabilidade. Ricoeur chama a atenção

para o fato de que a permanência no tempo da identidade leva a postular uma espécie de substrato ou substância inerente a identidade, assim o fizera Aristóteles e Kant. Este é o ponto do conflito, segundo Ricoeur (1991 : 35), porque as pessoas não são sempre as mesmas, elas mudam da infância à velhice: nada na experiência interior escapa à mudança? O filósofo responde que o si mesmo é caracterizado pela mudança e por experiências de descontinuidade, como o atestam, por exemplo, de modo bastante dramático, as experiências de conversão. E Joaquim de Sousa Andrade, por livre convicção, converteu-se em Sousândrade. A conversão presume o fim do relativismo moral pela adoção de um estilo de vida com valores morais definidos que efetivam a identidade como podendo via a ser o seu outro. O sujeito que vivencia a conversão aniquila e adquire hábitos que transformam a sua vida psíquica dando origem a outra identidade.

Joaquim de Sousa Andrade empreendeu muitas viagens, ainda muito jovem, após cursar Humanidades no Liceu de São Luís, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1853, e de lá seguiu para a Europa e tudo indica que ele tenha estudado na Sorbonne e não tenha concluído os estudos. Retorna ao Rio de Janeiro em 1857 e nessa cidade fez a sua estréia literária com o livro *Harpas selvagens*. No ano de 1858 segue para o Amazonas, não se tendo notícia em sua biografia de quantos anos durou esta viagem, porém, em 1861 estava de regresso ao Maranhão, casando-se em 1864. Em 1871 decide deixar São Luís e segue para a cidade de Nova Iorque. É quando residindo nesta cidade, que Joaquim de Sousa Andrade por volta dos quarenta anos converteu-se em Sousândrade, o que para além da fundição dos nomes Sousa e Andrade na forma abreviada de Sousândrade, era uma identidade que se afirmava. Nessa época já havia iniciado a escrita do seu poema longo que era, até então, denominado de *Guesa Errante*. Em 1885, Sousândrade deixa os Estados Unidos para retornar ao Brasil pelo Oceano Pacífico e conheceu os países da Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. A personagem Sousândrade tem como identidade o Guesa, por reunir traços de diversas proveniências culturais da América numa metamorfose que origina a *persona* de um herói com identidade de anti-herói, pelo Mito dos Muíscas, o Guesa:

Meia noite! O Guesa Errante  
 (Na selva os berros do jaguar fragueiros,  
 Nas plúmbeas praias da deserta Ronda  
 Colhendo o lanço os ledos marinheiros),  
 Do seu banho noctuno agora da onda  
 Se separava. Assobiando os ventos  
 Nas encostas sonoras, lhe enxugavam  
 Os negros cabellos, que agitavam  
 Qual ondulam sombrios movimentos  
 Sobre os Sollimões pallido. Elle escuta:  
 Auras surdas; diaphanas alfombras  
 No espaço; o resomnar de pedra bruta;  
 E entristeceu.  
 ( SOUSÂNDRADE, 2003, p. 9)

Segundo Cuccagna são quatro os traços identificados como semelhantes entre a vida de Sousândrade e a vida do Guesa. Retomo esses traços como meios à interpretação da transubstanciação que forma a tríade identitária Joaquim de Sousa Andrade/Sousândrade/Guesa: o primeiro efetua-se pela questão geográfica, porque “ambos são filhos da zona equatorial americana” (Cuccagna, 2004, p.42). De acordo com a lenda, Guesa era oriundo de um local próximo ao rio Guaviare, ao sul de Bogotá e Joaquim de Sousa Andrade nasceu e passou parte da juventude em uma fazenda vizinha da cidade de Alcântara, antiga Província do Maranhão. Uma segunda identificação diz respeito ao fato de que, na lenda, Guesa era retirado da casa dos pais em tenra idade e conduzido para a distante Sogomoso, lugar onde ele começava a desenvolver a sua importante função cultural; já Joaquim de Sousa Andrade, quando muito criança, ficou órfão de pai e mãe, sendo submetido aos cuidados de tutores e afastados da sua fazenda Vitória. “Ambos, portanto, viveram uma análoga situação de abandono e solidão” (Cuccagna, 2004, p. 43). Uma terceira identificação concerne à redenção do povo de cada um. Guesa era um jovem sacrificado pelos Xeques, os sacerdotes da tribo Muíscas, em oferenda à divindade Bochica, filho e símbolo do deus solar, para garantir a sobrevivência da coletividade. Joaquim de Sousa Andrade ao converter-se em Sousândrade impõe-se a missão de civilizador america-



no, que tinha como ação pedagógica a reforma antimonárquica e a pretensão de implantar a república e ajudar na abolição da escravatura; ou seja, ele pretendia restabelecer uma nova ordem social. O quarto ponto de identificação trata-se do aspecto “errante” de Guesa e de Sousândrade. Guesa era o “errante”, o sem casa com a obrigação a percorrer o *Suna*, antes do ato do sacrifício. O *Suna* era o caminho sagrado ao longo do qual Bochica cumpriu a sua missão civilizadora. Sousândrade teve uma existência erradia por volta de trinta anos de sua vida, percorrendo a África, os Estados Unidos e a América do Sul. “Esse foi o seu *Suna*, o caminho durante o qual o poeta recolheu e difundiu grande parte das suas idéias civilizadoras sobre a Abolição, a República, a Democracia e o Liberalismo” (Cuccagna, 2004, p. 44).

Mas, se poderá incorrer num problema ético com a recusa da permanência, pois se tudo muda e o sujeito pela própria instabilidade é levado à infidelidade, como garantir seu comprometimento ou sua promessa? Conseqüentemente, o que fazer com a responsabilidade e o comprometimento? Ricoeur (1990, p.148) diz que é necessário que subsista na *ipseidade* uma certa permanência ou “manutenção de si” (*maintien de soi*): “C’est celui de la parole tenue dans la fidélité à la parole donnée”. A perseverança se apresenta no caráter e na palavra dada. E nem sempre o caráter sustenta a palavra dada pela sua condição de maturação e mudança, também suscetível à palavra dada. Porém, a palavra dada alcança o outro de modo mais imediato por isso ser importante que, apesar de todas as mudanças, mantê-la: “A cet égard, la tenue de la promesse, comme il a été rappelé plus haut, paraît bien constituer un défi au temps, un déni du changement: quand même mon désir changerait, quand même je changerais d’opinion, d’inclination, ‘je maintiendrait’” (RICOEUR, 1990, p.149). O fim à esta instabilidade da *ipseidade* é dado pela categoria ética da promessa. É como Sousândrade que a convicção da existência errante lhe imputa a Missão de ser o “Novo Guesa”, agora, porém, com pretensão de ser “vencedor dos Xequês”, que, para ele, no Brasil se representou na Monarquia, pois era um ferrenho defensor da República, e nos Estados Unidos pelo capitalismo desumano. Para Ricoeur a garantia do comprometimento ou da promessa subsiste numa certa permanência ou “maintien de soi” porque estabelece a “Promessa” como

uma “Categoria Ética”, na medida em que impede a dispersão do sujeito e assegura a sua permanência no tempo. Essa constituição da identidade pessoal através da narrativa pertence ao sujeito real da ação, ou seja, a uma existência corporal, não podendo a *mesmidade* ser separada totalmente da *ipseidade*, pelo que, a sua configuração corresponde ao processo de análise dos pontos de cruzamentos e das linhas de dispersão entre *mesmidade* e *ipseidade*, enquanto formas de permanência no tempo. É neste processo de configuração que se perfila a construção da intriga – ponto crucial da narrativa -, como um paradigma de concepção da permanência no tempo com o triunfo da unidade sobre a fragmentação, mas o perigo da ruptura rodeando sempre, podendo servir, portanto, como “laboratório de experiência” de uma forma de “conceitualizar” a identidade como sendo o ponto de cruzamento entre um equilíbrio (permanência) e um desequilíbrio (mudança). Nessa medida, o processo de narração é o único meio de aceder, por construção, a uma inteligibilidade do si mesmo, sob a forma de personagem de uma história, cujo princípio e fim não se tem o controle, porque o anelo aponta para o alcance do eterno pela narração de si para si e sua alteridade.

Sousândrade chegou aos Estados Unidos da América em 1871 e encontrou um país arrefecido pelo capitalismo e com um governo democrático marcado por influências plurocráticas. O poeta tornou-se um entusiasta daquele País, no entanto, com o passar dos anos descobre aspectos poucos louváveis da vida nacional norte-americana, sendo então acometido por uma grande decepção tanto pelo modo como o capitalismo tornou-se nefasto ao submeter o povo à busca sequiosa de esplendor e riqueza sem consideração aos valores humanitários como, também, pela hipocrisia religiosa que se fazia cada vez mais imperiosa. Em 1876 ocorreram as comemorações do Centenário da Independência dos Estados Unidos e Sousândrade viajou à Filadélfia para visitar a Exposição, que teve como convidado especial D. Pedro II, Imperador do Brasil, para presidir ao lado do Presidente Grant as comemorações. Mas, foi ausente quando D. Pedro visitou a redação do “Jornal Novo Mundo” da comunidade brasileira, em Nova York, no qual era colaborador. Sousândrade assumiu uma postura crítica diante da monarquia e do capitalismo, empenhando-se direta e crescentemente numa ideologia política e religiosa

que, segundo Lobo (2005, p.39): “Informando-se pela imprensa e aprofundando seu conhecimento de história política da América Central e do Sul para balizar sua revolta”. Ele é um narrador atento ao seu tempo e não faz parte do projeto do poema *O Guesa*, contar apenas fatos históricos e biográficos do passado. Mais ainda apresentar e denunciar a ambivalência política da sociedade americana quer monárquica; quer republicana, cuja moral está sendo devorada pelo fogo da ambição e da lascívia originando valores duvidosos. Sousândrade enxerta o tempo empreendido por si no tempo daquilo por que todos passam na sua poesia por meio da narrativa. Ricoeur reconhece ser a narrativa o único meio de tornar o tempo humano porque possibilita suprir a falha e ligar o tempo fenomenológico com o tempo cosmológico. E Sousândrade, ao descobrir essa abertura da narrativa à escrutabilidade do tempo, mergulha no universo da palavra para contar o tempo do século XIX, o seu tempo do capitalismo científico e tecnológico, no qual as máquinas se propagam por todos os lados e uma multidão desordenada e dispersa vaga sem destino. Para Sousândrade, a América edênica, aquela de dimensão mítica, contrapõe-se à América industrial, que se apresenta corrompida pelo capitalismo selvagem. E Sousândrade desconsiderando a ordem temporal cronológica cria uma desordem temporal na qual lança o Guesa numa travessia com inversão de planos que abrange desde o tempo pré-combiano, antes da chegada dos espanhóis; até o tempo pós-colombiano, com a chegada dos espanhóis; e, ainda, numa tomada de ousadia poética insere o seu tempo contemporâneo, da tecnologia. O Guesa é assim dotado de plenitude poética ao representar o arquétipo do homem americano. Para isso ele desconstruiu o tempo histórico com a desconstrução da linguagem poética convencional e deu forma à outra gramática que mais parece uma montagem cinematográfica em que as imagens se complementam num todo e/ou se afastam em heterogeneidades jamais assemelhadas. Como Sousândrade alcança este efeito? Acredito que por meio de uma multiplicidade de línguas das quais ele captura palavras e expressões que se atam em múltiplas formas que transgridem a gramática e o modo usual de se conceber a poesia como alento aos sofrimentos ou, ainda, como regozijo da alma. A poesia de Sousândrade é “*tsunami*”, por ser avassaladora ao arrebatrar sentimentos variados e desconhecidos que impulsionam ao estado psicológico da

catarse, conforme concebiam os antigos gregos como função própria à poesia. E essa outra perspectiva de realidade que se mostra nesta América, a “sonhada república”, apresenta equívocos e ineficiências econômica e administrativa. Diante dessa constatação, Sousândrade adentra outra vez no universo lingüístico no *nonsense*, ao expor a perplexidade em Guesa, fazendo-o urgir e gargalhar em plena *Wall Street*. Este episódio caracteriza a segunda queda no inferno, ocorrida no Canto Dez, intitulado: “Inferno de *Wall Street*” (Sousândrade, p. 231).

O Guesa, tendo atravessado as Antilhas, crê-se livre dos Xeques e penetra em NEW – YORK STOCK –EX – CHANGE; a Voz dos desertos:

- Orfeu, Dantas, Enéas, ao inferno  
 Desceram; o Inca há de subir...  
 = Ogni sp’ ranza lasciante,  
 Che entrate...  
 Swendenborg, há muito porvir?

(Xeques surgindo risonhos e disfarçados em Railroad  
 - managera, Stockjobbers, Pimpbrokers, etc..., etc...,  
 Apregoando:)  
 Hárlem! Erie Central! Pennsylvania!  
 = Milhão! cem milhões!! mil milhões!!!  
 Yong é Grant! Jackson,  
 Atkinson!

Vanderbilts, Jay Goulds, anões!

(A Voz mal ouvida d’entre a trovoada:)  
 - Fulton’s Folly, Codezo’s Forgery...  
 Fraude é o clamor da nação!  
 Não entendem odes  
     Railroads;  
 Paralela Wall-Street à Chattám...  
 (Correctores continuando:)  
 -Pygmeus, Browm Brothers! Bennett! Steuart!  
 Rotschild e o ruivalho d’Astor!!

=Gigantes, escravos  
Se os cravos  
Jorram luz, se finda-se a dor!...  
(Norris, Attorney; Codezo, inventor; Young, Esq.,  
Manager; Atkinson, agent; ARMSTRONG, agent;  
Algazarra, miragem; ao meio, o Guesa:)  
-Dois trez cinco mil se jogardes,  
Senhor, tereis cinco milhões..  
=Ganhou há! haa! haaa!  
-Hurrah! Ah!...  
-Sumiram... seriam ladrões?...

A minha “andança” pelo poema *O Guesa* mostrou que a teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur pode ser uma chave à interpretação da metáfora “existência errante” pela consideração da tríade identitária Joaquim de Sousa Andrade/Sousândrade/Guesa. E segundo D. Maria José de Sousa Andrade, neta de Joaquim de Sousa Andrade, em entrevista concedida a Antonio de Oliveira: “Sousândrade apaixonou-se pelo idioma de Shakespeare. O amor à literatura inglesa, principalmente ao dramaturgo de Rei Lear, leva-o a fundir o sobrenome numa palavra apenas – “Sousândrade” – para ficar, com o nome de seu poeta predileto, com onze letras” (Lobo, 2005, p.34). Essa assimilação de seu nome ao contexto de uma ordem simbólica que expressa uma identificação autoral, já insere Sousândrade na vida como uma existência errante pela crença na palavra como guia às ações; atesta-se nos versos: “E eu nasci, e enquanto queres,/ Meu negro fio tece –ai Desconcerta/ Teu manto vivo, que se andreja e esperta/ N’este mysterio eterno –revesteris” (Sousândrade, 2003, p.34). A teoria da identidade narrativa, de Ricoeur, conduziu-me à evidência de que a narrativa poética é um modo de permanência no tempo, porque desvela as variações da identidade em sua busca pelo eterno. A identidade constituída pelas dimensões *idem* e *ipse* explica como o sujeito permanece no tempo e institui-se de qualidades e propriedades que convocam o plano da responsabilidade moral transportado pela promessa, essa se constitui em ação de comprometimento para consigo e para com o outro. E mesmo quando o sujeito tem a sua di-

mensão *idem* enfraquecida não significa que tenha perdido a identidade, mas que é a existência de um sujeito que diz “Eu” e não se compreende de modo imediato porque a sua verdade tem que ser interpretada para ser extraída da vida mundana e, assim, fortalecida a sua identidade. E a verdade de Sousândrade é ser um Poeta-Guesa, um narrador que afirma a sua identidade na promessa do eterno que se cumpre no sentido da existência errante. Com essa convicção não se abate com a profecia feita por um amigo ao término da leitura do poema *O Guesa*, e disse as palavras:

“Ouvi dizer já por duas vezes, que *O Guesa errante* será lido cinquenta anos depois; entristeci – decepção de quem escreve cinquenta anos antes. Porém se – Life, not form; Word, not ritual, was what the Lord demanded – diz um swedenborgiano pregador, falando da Religião: não poderíamos dizer o mesmo da Poesia?” (Williams e Morais, 2003, p. 489).

## REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BOSI, Alfredo. *Historia Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CASTRO, Maria Gabriela Azevedo e. *Imaginação em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- CAMPOS, Augusto e CAMPOS, Haroldo. *Re Visão de Sousândrade*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Alderado. *Presença da Literatura Brasileira: das Origens ao Romantismo*. São Paulo: Difel, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era Modernista*. São Paulo: Global, 1999.
- . *A Literatura no Brasil: Era Romântica*. São Paulo: Global, 1999.
- CUCCAGNA, Claudio. *A Visão do Ameríndio na Obra de Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- DUARTE, Sebastião Moreira. *O Périplo e o Porto*. São Luís: Edufma, 1990.
- . *A Épica e a Época de Sousândrade*. São Luís: AML, 2002.
- GUIMSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: 1978.
- JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. Tradução de M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- LOBO, Luiza. *Épica e Modernidade em Sousândrade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: das Origens ao Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MORAIS, Jomar e WILLIAMS, G. Frederick. *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade*. São Luís: AML, 2003.
- WILLIAMS, G. Frederick. *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís: Sioge, 1976.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia. *O poema O Guesa, de Sousândrade, à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur* (Tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo\ Brasil), 2005.
- RICOUER, Paul. *Du Texte à l'Actiun: Essais d'Herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- . *La Métaphore Vive*. Paris: Seuil, 1975.
- . *O Conflito das Interpretações*. Trad. M. F. Sá Correia. Porto: Rés, 1988.
- . *Teoria da Interpretação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.
- . *Temps et récit I; II; III*. Paris: Seuil, 1983.
- . *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- . *Philosophie de la volonté I; II*. Paris: Seuil, 2009.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Edição comemorativa do sesquicentenário de nascimento de Sílvio Romero. (Organização de Luiz Antônio Barreto). Rio de Janeiro: Imago; Aracaju Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2001, 2 volumes.
- SOUSÂNDRADE. O Guesa. IN: WILLIAMS, Frederick, e, MORAES, Jomar. *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade*. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2003

